Greve dos TAEs UFU – 25/05/2024

Análise de conjuntura

Diego Leão – ESEBA/UFU
Militante da Consulta Popular

Neoliberalismo e ditadura militar

Não podemos esquecer a crueldade e o sentido da violência e repressão social da Ditadura Militar.

Porém em certa medida, o neoliberalismo é tão ruim quanto.

- Desenvolvimento: governos militares ainda tinham uma perspectiva de desenvolvimento nacional, evidentemente promovia a desigualdade social, desenvolvimento sem enfrentamento com o imperialismo.

- Universidade públicas foram criadas e/ou consolidadas no período.

Década de 1990: Collor e FHC consolidam o processo de imposição da política econômica neoliberal.

- Privatização, retirada de direitos, políticas sociais de baixa intensidade/não universais (políticas focais), controle do capital internacional de ativos do país (Vale, início de privatização da Petrobrás).

- Violência e repressão contra as organizações sindicais. Clima de derrota.

Neoliberalismo não tem compromisso com a democracia. Não à toa, a primeira experiência neoliberal na América Latina, foi a ditadura de Pinochet.

Neoliberalismo x neodesenvolvimentismo

Governo FHC desgastado.

Lula após 3 derrotas vence. Não é o mesmo programa de 1989, devemos salientar.

Entidades sindicais e setores da burguesia interna convergem em aspectos do programa de governo. FEBRABAN, FIESP, CUT, Força Sindical...

Principal deles: retomar alguma perspectiva de desenvolvimento econômico:

- Obras públicas, expansão das universidades públicas e ensino superior privado; políticas sociais ainda focais, mas com maior intensidade; valorização do salário mínimo.

Frente neodesenvolvimentista: não há um programa definido, seria mais um campo onde se convergem alguns interesses em determinadas circunstâncias. Há desde bancos nacionais e Federações da Indústria às organizações sindicais.

Isso é possível devido a um momento de crescimento econômico mundial, promovido especialmente pelo caso chinês.

Sindicalismo: aumento do emprego e valorização dos salários resulta em maior número de greves e lutas por melhores condições de trabalho, inclusive setor privado.

Crise do *subprime* 2008 e redução do processo de crescimento da China. Crise global do capitalismo se arrasta desde então.

Burguesia interna tenta recompor suas taxas de lucro. Começa a defender pautas que precarizam o trabalho e que retiram direitos.

2013: Aumento das mobilizações sociais no país, gera tanto situações à direita como à esquerda.

Entre 2013 e 2017 há um aumento de greves tanto setor público como privado. Quanto mais os trabalhadores ganham, mais querem. Muitas greves reivindicativas.

Burguesia interna: <essa fração teria rompido com a frente e aderido ao golpe, se aliando com a frente neoliberal ortodoxa composta pela burguesia associada2 , pelo imperialismo e pela alta classe média> BERRINGER, 2023.

Classe média: um nó. Há um rebaixamento do que se compreende como classe média ao mesmo tempo que há um processo de concentração da riqueza.

2014: Dilma vence, mas o programa de governo não é executado pela pressão de setores do capital.

2016: Golpe contra a presidenta Dilma.

Avanço de reformas neoliberais: Reforma trabalhista e reforma da previdência. Encurralamento da pauta da classe trabalhadora. As greves passam a ser mais defensivas e contra a retirada de direitos. Refluxo da luta, porque há precarização do trabalho. Menor ânimo para a luta frente à derrotas.

Neofascismo e ultradireita

Bolsonaro vitória eleitoral demarca um novo tipo de direita reacionária: mobilizada, organizada, com apelo popular (o que neoliberalismo não consegue fazer).

Altas classes médias, (setores religiosos) neopentecostais, caminhoneiros, etc.

> - Pauta dos valores e costumes ganha apelo em setores conservadores e em determinados setores religiosos (mudança significativa nos últimos anos – Evangélicos serão mais que católicos em 2030);

O neofascismo é irmão do neoliberalismo, ambos filhos do imperialismo. Essa família se chama capitalismo.

Pandemia: aumento da pobreza, desigualdade e baixa da economia.

Governo Lula 3

Eleito com plataforma de crescimento econômico e retomada de políticas sociais.

Arcabouço fiscal para substituir famigerado Teto de Gastos. Menos ruim, mas impede governo de executar seu programa. Favorece o capital.

Predomínio da direita no Congresso Nacional. Governo Lula tenta trabalhar na perspectiva passada, de trabalhar na manutenção da institucionalidade. 2013 e 2016 demonstram que pode ter sido um erro isso.

Governo tem dado mais concessões a setores que lhe são contrários: 1.º de abril (Golpe Militar) e prioridade reajuste Policial Rodoviária Federal.

Se o governo quer sucesso nas eleições de 2024 e 2026 deve haver continuidade de seu projeto. Necessidade de as organizações populares pautarem que o governo cumpra o programa eleito: para destravar as políticas sociais e o crescimento econômico, reduzir a desigualdade e a pobreza...

Crise climática! Porto Alegre nos acende esse alerta!

Governo Gustavo Petro na Colômbia, não tem maioria no congresso. Tem se apoiado na mobilização popular.

É preciso que apostemos nas contradições no processo de mobilização social para superarmos o projeto neoliberal. Os anseios populares são uma chave: Caminhoneiros querem controle do preço dos combustíveis. Evangélicos neopentecostais querem medidas que melhores as condições de vida, o que demanda políticas sociais.

Os TAES e tarefa histórica

Defesa da Educação Pública > PNE 2014-2024 cerca de 20% das metas foram cumpridas;

Defesa do serviço público como parte de um projeto de retomada de crescimento econômico;

Destravar as políticas sociais;

Trabalho de convencimento social: como conversamos com a categoria, precisamos colocar o movimento sindical em outro patamar!;

Reajuste de salário, reconstrução da carreira e recomposição orçamentária das universidades articulados.

O fôlego da nossa greve e a nossa capacidade de mobilização são elementos principais para avaliar nosso potencial para pautar as negociações.